

O EU Jovem homossexual!

João Paulo
PortugalGay

“Nós gostamos muito de ti e, sabemos que não tem nada de errado contigo, mas não é preciso publicitar isso, vamos manter entre nós...”

Isto é um pequeno excerto de um estudo, dos muitos que tive oportunidade de ler. Trata-se de um comentário feito pelos pais de um(a) jovem quando ficaram a saber da orientação sexual do filho(a).

A meu ver o que salta à vista neste comentário é o “mas”. Aplicado à nossa sociedade este “mas” existe com grande amplitude, quer proferido por muitos pais, quer aceite e cumprido por muitos a quem este “mas” é dirigido.

No discurso apresentado não houve evolução quer dos pais quer dos filhos, ambos continuaram no armário.

No caso do **EU** ainda é mais grave dado que o seu armário agora tem uma janela a qual não pode ser aberta, podendo causar por si só estados de ansiedade mais ou menos elevados, dependendo de sujeito para sujeito.

Dos jovens e menos jovens que até hoje tive oportunidade de apoiar e aconselhar, quando da descoberta da sua homossexualidade, notei que, embora não fosse a base de tudo, era muito importante, e grande a vontade de viverem a sua sexualidade em pleno. A vontade mais expressa pelo **EU** era a de viver em comunhão consigo, com a família e com os outros. A vontade de encontrar a outra metade da laranja, ou seja alguém, com quem construir uma relação, uma família. Contudo outro ponto a salientar é o desconhecimento do **EU** em relação ao meio homossexual, e por isso o seu entusiasmo quando confrontado com a mesma.

É descoberto um mundo até então desconhecido, e que não só é igual ao **EU** como também lhe dá oportunidade de explorar a outra vertente, também essa muitas vezes reprimida, a do sexo.

A relação sexual enquanto descoberta e sem compromisso, deslumbra e assusta o **EU** recentemente chegado ao meio social homossexual.

O deslumbramento sentido é o da experiência, o despertar sexual sem compromisso que vai muitas vezes definir a personalidade do **EU**.

Por outro lado o susto de tanta “oferta” que vai entrar em colisão com tudo ou parte do ideal desenvolvido pelo **EU** quando nada conhecia, por outro lado é o susto de agora se conhecer tanto e não se poder partilhar com ninguém. Devemos contudo ter em conta aqueles que não se identificam de todo com o meio homossexual.

Só nos últimos tempos tem surgido grupos de ajuda/apoio, onde jovens se encontram no sentido de partilharem experiências, conviverem, ajudarem-se uns aos outros. O diálogo sobre assuntos sérios, como o quebrar de barreiras no relacionamento familiar e social, eram assunto que se viviam no singular, levando alguns jovens ao isolamento, ou a cumprirem os desígnios educacionais incutidos pela família e pelo meio social, e reflexo de gerações de patriarcado, os mesmos valores levam e já levaram muitos GLBT para o suicídio.

Nos dos dias de hoje com mais informação está mais acessível, mas mesmo assim, nem todos tem acesso a tanta ou toda a informação existente. Embora tenhamos grandes índices de computadores por habitação, são ainda muitos aqueles que ainda não tem nem computador nem acesso à internet. Não há educação sexual nas escolas, não temos meios de comunicação com programas sérios, mas abundam os outros.

A chacota visível, o sarcasmo exibido em alguns programas, tem caminho livre, são expressão viva de homofobia e sexismo, e actuam de forma impune. Este tipo de programas e comentários, exorcizam no telespectadores comentários baixos sobre os Gay e lésbicas. Eles, são motivo de nojo por parte das mulheres e dos homens, e elas, são motivo de repúdio por parte das mulheres mas simbolizam a luxúria e divertimento para os homens.

Mas o preocupante em toda esta reacção em cadeia, são os jovens que observam e ouvem estes diálogos, ou monólogos, se vivem encapuçados numa vida de medo de serem descobertos, mais aterrados ficam, mais riscos vão correr, tendo encontros em locais de engate precários, sem segurança ou higiene, isto quando não se casam para não deixar que se levante qualquer suspeita, e em último caso o suicídio.

O EU homossexual (M/F) quando constata que é diferente do pai e/ou da mãe vive na maior parte dos casos com eles e em dependência. Os pais da minha geração ou seja anos quarenta, não são, infelizmente, muito diferentes dos pais dos anos setenta, oitenta, e por isso mesmo são criados segundo os parâmetros, do pai, filho e espírito santo. A figura dominante do pai, a submissa mãe, e o/a obediente filho/a. Em que o predisposto para a sua educação é casar e ter filhos, não são dadas a conhecer (como válidas) ao jovem outras opções de vida, outras orientações, outros comportamentos.

“...esconder a orientação sexual dos filhos, é esconder essa orientação de si próprios.”

Os pais dos homossexuais (m/f) ao assumirem perante parentes, amigos e vizinhos, a orientação sexual dos filhos, é assumirem a sua própria consciência de não estarem dependentes da opinião dos outros. Conversar sobre o assunto, com os seus filhos, por vezes apenas escutar, pode marcar a diferença na qualidade de vida dos seus filhos. O apoio, o escutar o que os nossos filhos pensam ou sentem sobre os mais variados assuntos, vai anular em grande parte, porque não será em todo, o discurso e comentários dos familiares (tios, avós) e amigos.

Da minha experiência, destaco contudo, a atitude e a posição dos irmãos mais velhos.

Os irmãos mais velhos, e no caso refiro-me aos do género masculino, podem ter grande importância no desenvolvimento e sobrevivência dos irmãos mais novos. Não me refiro só aos irmãos homossexuais, mas a todas orientações. O irmão mais velho quando numa atitude “parva” exalta a sua superioridade nos mais diversos aspectos, ridicularizando os pontos mais débeis de uma criança em desenvolvimento, pode ser responsável por um alheamento por parte do jovem do resto da sociedade que o rodeia, podendo mesmo levar ao crescimento de uma personalidade negativa, (nos casos que tenho conhecimento, e que são alguns).

Sentem-se mais pequenos, desajustados, sem referências, diminuídos, ou por outro lado revoltados, inquietos, agressivos.

Se juntarmos a tudo isto uma orientação sexual que não a mesma do irmão mais velho, (partindo do princípio que será heterossexual), ou da dita maioria, os resultados podem ser fatais.

São inúmeros os relatos de abuso/violação dos irmãos mais novos por parte dos irmão mais velhos.

Um jovem homossexual (m/f) que tenha um irmão ou irmã mais velha, responsável e atenta, pode diminuir em muito possíveis traumas, e aumentar a esperança e qualidade de vida dos seus irmãos. Sobre este aspecto, e do meu trabalho dou um ponto positivo às mulheres.

Actualmente a nossa televisão dispõe de uma panóplia de programas onde podemos assistir ao publicitar de um heterossexismo, por vezes rasca, do “show off”, a homofobia e discriminação, tudo isto sem reparos, sem qualquer atitude por parte de qualquer entidade (governo), no sentido de punir as atitudes, homofóbicas, discriminatórias e machistas, quer nas palavras como nas imagens. Os Gay e Lésbicas não são todos maricas ou musculados, nem todas “camionistas”.

Nestes programas de baixa índole mas, infelizmente visionados por muita gente, essa é a imagem que passa, a do homossexual com atitudes efeminadas, trajados de forma exagerada, chamados por diminutivos ou com calções menos próprios, e em nada adequados para a educação de toda uma população, seja lá qual for a sua faixa etária, estrato social ou formação académica. Num país como Portugal que deseja estar ao nível dos mais evoluídos, já não se entende atitudes do género, antes ia-se à televisão quando se fazia algo grande e importante, hoje basta ter jeito (ou não) para ridicularizar os outros.

Mas esses programas são responsabilidade de mentes iluminadas e em busca do lucro rápido e fácil, logo dada a inexistência de qualquer controle são livres de fazerem o que desejam, mas o mesmo não se pode dizer da acção jornalística, da reportagem/entrevista, onde se busca incessantemente o ridículo, ou ridicularizar, exibindo um jornalismo de terceira, vendendo-se uma história, não pela história mas, pela imagem de sofrimento, do excêntrico, e comentado por um jornalista que não fez o trabalho de casa e, de forma isenta tece os mais ridículos comentários.

Exemplo disso é a marcha do orgulho Gay ate hoje realizada em Lisboa, que de ano para ano aumenta o numero de participantes, e que se articula cada vez mais numa marcha politica e de direitos humanos, e que também de ano para ano tem cada vez menos travestis, drags, ou mesmo homossexuais efeminados, mas contudo são desde sempre estes que fazem capa ou ilustração das noticias.

Trata-se de um jornalismo que teima em não estudar, que procura a noticia fácil, incapaz de fazer noticia com a historia. O ridículo do nosso jornalismo vai tão longe que a marcha do orgulho deste ano, não foi noticia televisiva num dos nossos canais, em favor de outras marchas fora de Portugal, como a de Madrid. E porquê?

Talvez porque embora estivessem presentes 3500 pessoas, uma escola de samba, e muito som, não tínhamos “palhaços” suficientes para o “circo” que seria a noticia. Então vai-se lá fora para não se dizer que não se fala, e trás-se imagens coloridas, planos fechados esquecendo as multidões, que fizeram que Espanha tomasse uma posição de coragem governativa. O que sofre o EU jovem com isto? Sofre o sentimento que assim que poder deve abandonar o seu país, e crescer lá fora, porque aqui o seu desenvolvimento esta castrado.

Mas o EU jovem vive a maior parte do seu tempo, nesse espaço único que é a escola. Local de convívio, aprendizagem, mas também lugar de grande tortura.

Os professores como parte de uma sociedade mal informada, actuam em conformidade com a sua sensibilidade ou falta dela. Não temos, educação sexual nas escolas, e quando tivermos que tipo de educação será!? Será uma educação sexual abrangente, debatida, e explicada de forma igualitária? Ou por outro lado será uma educação sexual, da procriação, do buraco no lençol, da monogamia, como práticas únicas?

Demasiadas questões que de ano para ano tem sido proteladas, tem ficado sem resposta.

Dentro das escolas temos ainda os funcionários denominados nos dias de hoje como “Auxiliares de acção escolar”. Na maioria dos casos pessoas humildes, de formação básica, sem qualquer conhecimento no tratamento a ter com jovens, e muito menos com casos de homossexualidade, toxicodépência, gravidezes entre outros problemas mais ou menos graves dependendo de pessoa para pessoa.

A juntar a tudo isto temos os colegas da escola, que jovens como o EU, com os mesmos conflitos identitários, com a mesma falta de formação, e também eles reflexo de uma sociedade carente de informação, da família, do meio social e escolar onde vivem, e que por tudo isto se tornam “ossos” duros de “roer”.

Os jovens podem ser o mais castigadores que se possa imaginar, podem ser tão cruéis a ponto de levar um colega ao abandono escolar, à droga ou mesmo a sucumbir.

Vamos aumentar o possível “pretexto” de insulto, gozo, ou tortura dirigida a alguém, e no caso um jovem: ser preto; ter qualquer problema fisico ou outro (ser sopinha de massa; fanhoso; ter o nariz grande ou pequeno; ser mais baixo ou mais alto que os colegas; uma orelha maior que outra; ser manco,...), e ser Gay. Poderá alguém imaginar a pressão que este jovem vai sofrer, por todos os que o rodeiam? Deve ser com toda a certeza maior que aquele que qualquer um de nós sente para pagar as nossas contas no final do mês.

O **EU** jovem tem todo este “rosário” de situações e agentes que limitam, ou podem limitar o desenvolvimento sadio do **EU**. Desde a família (pais; irmãos; tios; avós; vizinhos), passando pela comunicação social, a sociedade em geral, terminando nas escolas, o jovem é bombardeado, com informação que entra em rota de colisão com os seus sentidos, sentimentos, reacções, desejos e vontades. Na maior parte dos casos não encontra respostas, apoios ou diálogo, capaz de estabelecer o equilíbrio entre um mundo, que é o seu, e o outro que é tudo o que o rodeia.

Não podemos esquecer que embora seja um estudo parcial, estes são os números. Um em cada três homossexuais (m/f) tenta o suicídio, não por serem homossexuais mas sim, pelas inúmeras pressões existentes em redor das suas vidas.

Pensem nisso, pois um deles pode ser o nosso filho; sobrinho; amigo, pode ser um de nós.

O **EU** homossexual na 3ª idade!

Todos nós nascemos e crescemos, e caminhamos para a terceira idade, para a velhice. Durante esse nosso crescimento, desenvolvemos a nossa vida no sentido de obter alguma estabilidade. Nesse processo muitos de nós vivemos a nossa sexualidade em pleno, podemos não ser homossexuais públicos, mas somos conhecidos no nosso meio, amigos, família, trabalho, e respeitados por todos os intervenientes.

Assim sendo o **EU** na 3ª idade, devia estar a viver os anos de ouro, ou de platina, deveria ser assim com todo e qualquer ser humano à face da terra. Devia ser o culminar de anos de trabalho, devia ser a altura em que se viveria em pleno a sua sexualidade, sem medos, ou restrições, a idade da calma e descontração, só que a realidade é bem mais crua e dura que aquilo que parece.

O **EU** quando entra nesta terceira fase da sua vida não deveria ter temores, não deveria ter que fazer de novo teatro, esse que por vezes fazemos neste palco imenso que é o “palco da vida”.

Contudo é neste momento que o **EU** entra no retrocesso, o retrocesso da sobrevivência, executando o mesmo teatro, representando o mesmo papel, tendo nesta fase apenas mudado os elementos com quem contracenam.

Mais uma vez vou manifestar a minha opinião sobre também esta matéria, segundo a realidade por mim observada e o contacto que tive com alguns homossexuais (algumas dezenas) masculinos dentro desta faixa etária.

Aquilo que pode observar foram três aspectos distintos.

- Viver com o seu companheiro!
- A inexistência de qualquer familiar!
- As famílias alternativas!

No caso do amparo ser efectuado por familiares directos, para além de verificar que poucos eram aqueles que beneficiavam de tal cuidado, os que tem a atenção desses familiares, poucos, muito poucos, tem qualquer diálogo sobre a sua homossexualidade, ou tão pouco a vivem em pleno.

Na maior parte dos casos, viveram toda a vida sem nunca assumirem a sua orientação sexual para a família ou em qualquer outro meio social onde se movimentam.

Aqueles que ainda tinham e viviam com o seu companheiro, eram visivelmente os mais confortáveis. Não era a afectividade, liberdade, ou outro qualquer aspecto intelectual que os limitava, mas sim a condição económica. Estes falavam até, de um bom relacionamento com a vizinhança e alguns familiares. Mas

contudo neste patamar estamos a falar de muito, mesmo muito poucos, os que vivem nesta situação, os que vivem uma relação afectiva estável com os seus companheiros (na 3ª idade).

Também numa posição confortável estavam os indivíduos que tinham o apoio de vizinhos e/ou amigos. Embora a viverem independentes, eram os amigos, e principalmente os vizinhos que tomavam conta deles sempre que doentes, que tratavam da casa quando se ausentavam, para não falar dos almoços e jantares nas casas de uns e outros.

Contudo nesta minha avaliação é a falta de qualquer apoio que ganha, e aquela que obviamente mais me preocupa. O numero de EU que vive em lares é elevadíssimo, bem como os que vivem sozinhos, enclausurados no medo de serem descobertos pelos vizinhos, dizendo mesmo, que se algum dia lhes acontece alguma coisa não tem nem quem lhes chame uma ambulância.

Estes vivem cada dia tão devagar como o anterior.

São horas sentados num banco de café, ou num banco de jardim. São horas, dias, meses à espera, simplesmente à espera.

Embora este não seja apenas um problema do EU homossexual, mas sim de toda a nossa terceira idade que tão mal tratada é no nosso país, o EU homossexual, tem um problema acrescido, ele não pode viver o passado, recordar a sua vida com ninguém, não pelo menos usando os prenomes certos.

Vamos supor o seguinte: Estes EU quando mais jovens, ou seja na sua primeira e segundas idades, assumiram a sua orientação sexual para todos os que os rodeavam, em casa, no emprego, no café. Viveram por isso a sua sexualidade e afectos em pleno, tiveram na sua vida pelo menos uma relação estável com uma pessoa, durante anos, alguém que os marcou seriamente. No decorrer das nossas vidas vamos sendo deslocados geograficamente, bem como aqueles que nos rodeiam, e por isso vamos perdendo e acrescentando novas identidades ao nosso quotidiano. Por tudo isto o EU quando chega à 3ª idade, como já não tem as forças que tinha já não pode correr atrás de se encontrar e por isso tem que se ajustar aos que o rodeiam, o que faz que nem sempre ele consiga, isto porque já não tem os amigos que com ele se movimentaram, alguns morreram, tal como elementos da família, o EU perde a sua identidade, familiar e social, fica só.

Então entra num lar, (um privilégio não acessível a todos), e aí regride.

(Esta minha suposição é sustentada em factos)

Regride, e porquê? Porque está num meio que não é o seu, aquelas pessoas que estão com ele são na maioria heterossexuais, e mesmo que tenha homossexuais com ele esses estão também retraídos, e não se misturam não se agrupam para que não haja a possibilidade de os identificarem.

Ele o EU, volta a viver a mentira, regride para o tempo em que dizia aos pais que ia ter com a Júlia, quando era na verdade o Júlio.

O EU não pode falar com os seus colegas do lar sobre o seu companheiro, ou companheiros, não pode porque a geração que vive hoje nos lares é a geração dos anos trinta, uma geração basicamente homofóbica (regime salazarista, embora no pós 25 Abril pouco tenha mudado), ou desinformada se preferirem, que não vê com bons olhos a VISIBILIDADE dos homossexuais.

“Visibilidade” está em maiúsculas porque na realidade é isso que tanto incomoda. A homossexualidade existe desde sempre, fez por isso sempre parte da sociedade mundial. Nas grandes cortes era até lúdico o lesbianismo, e a homossexualidade em alguns casos também o foi, os senhores tinham os seus escravos com quem mantinham praticas homossexuais. A sociedade Portuguesa não é excepção, contudo sempre vivida em silencio, encoberta, discreta, e assim estaria tudo bem. Podia-se ou devia-se casar, cumprir com o ritual imposto pelo patriarcado, e manter os encontros “coloridos”, mas sempre sem que se soubesse. Contudo os tempos são outros, mas mesmo assim este falatório todo sobre homossexualidade, a sua visibilidade incomoda,... A meu ver porque não se falava do assunto, não se discutia.

Por isso, não fosse o problema dos colegas seria o dos monitores. Quem são os monitores dos nossos lares? Homens e mulheres, dos anos quarenta, cinquenta, indivíduos pouco mais novos que aqueles que cuidam. A formação que é dada aos monitores não inclui a situação dos afectos, não são preparados para acolher, ajudar, entender, um idoso homossexual.

Os nossos lares não sabem acolher, não sabem como lidar com os nossos idosos, e muito menos com idosos homossexuais.

Mas a coisa piora no exemplo que vos passo a apresentar:

Uma instituição religiosa no Porto leva como cota de inscrição, não reembolsáveis, para qualquer idoso que se queira candidatar a entrar na mesma, mil euros (duzentos contos), e depois até cinquenta por cento da reforma, todos os meses.

Janta-se às 17:30 e às vinte e trinta é o recolher obrigatório, para depois terem que se levantar, sair da cama às sete da manhã (salvo se estiver doente), e não podem ficar no recinto, nem voltar à cama, voltam para almoçar às 11:30, e só podem voltar para o jantar.

Não tem ocupação dos tempos livres, nem qualquer outra actividade, nessa instituição estão pelo menos cinco homossexuais, que fazem de tudo para esconder a sua orientação sexual, pois tal poderia resultar no convite à saída da instituição. Não dispõem de qualquer agregado familiar, nem qualquer tipo de apoio psicológico ou outro.

Será que é isto que qualquer um de nós quer para si, para a sua velhice? Eu não quero este fim de vida.

São estas as condições, para juntar a tudo isto as reformas são tão más que nem quis saber com que dinheiro ficava qualquer algum deles, para as suas coisas.

Se esta situação “pré-vegetativa” é má para um idoso heterossexual, para um idoso homossexual, eu comparo com o estar morto e ser mantido vivo por uma máquina.

Como se sente o EU nesta fase da sua vida?

Se quiser falar com alguém da sua saudade, daquilo que viveu na primeira e na segunda idades, tem que trocar os pronomes, as terminações das palavras, das frases!?

É verdade, ele já sabe como se faz, pois quando tinha 14, 16 anos já o fazia com grande mestria.

A humilhação do ser humano pelo ser humano é agora, talvez, mais que antes, muito sentida. O EU está hoje pior que quando vivia com os pais, e escondia deles a sua condição de homossexual, hoje o EU tem menos energia, hoje sabe aquilo que o estão a privar, ele sabe que a sua pseudo liberdade de expressão pode arruinar com a sua suposta qualidade de vida.

Assim ele, o EU, cria limites no seu dialogo, condicionando o seu ser aquilo que os outros esperam dele, não aquilo que ele é na realidade.

* * *

O pesadelo em que vive o EU na 3ª idade, seja ele homossexual ou não, é uma realidade nacional, haverá sem duvida excepções à regra, mas as regras deste jogo são muito pesadas. Não tenho certezas mas, quantos não serão os e as avozinhas que põem termo à vida, quantos não serão os que infelizes padecem da doença da solidão e morrem por isso mais depressa, quantos não esperam apenas o dia de comprar o bilhete que só tem ida.

Uma vida de trabalho, alegria de viver, de muitos ou poucos amores, resumida a nada, sem se quer poder ser lembrada.

A terceira geração do EU é igual à primeira geração, os mesmos temores, escondendo as mesmas coisas, trocando de novo os “ós” pelos “ás”.

Não basta a solidão a que deixamos os nossos/as avós, temos ainda que ser cúmplices no privar da sua liberdade, no anular da sua, que também é a nossa dignidade.

Homossexuais, duas gerações os mesmos problemas.